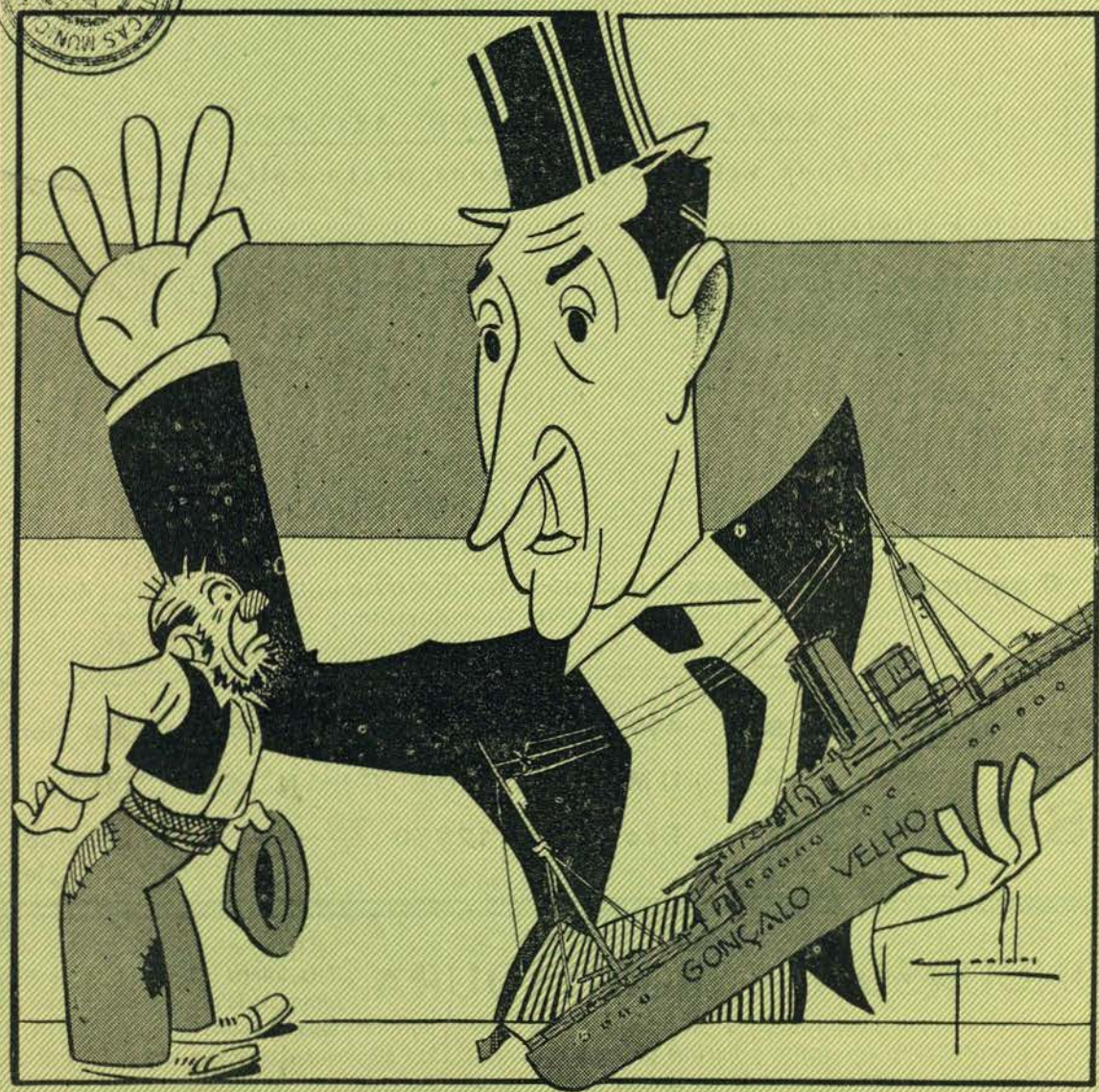




SEMANARIO HUMORISTICO

Direcção Literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA, DR. KNOX e OCTÁVIO SÉRGIO

HORA A HORA...



— Oh Patrãozinho: diga-me que horas são?...
 — Continua a ser a hora do sacrifício...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX
OCTÁVIO SÉRGIO

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

LUÍS DE ALMEIDA BRAGA

Paixão e Graça da Terra — São três conferências, tendo por título a primeira, **O Presépio da Raça**, que tem por tema a província do Minho; a segunda, **A lei do trabalho**; e a terceira, **Manhã de profecias**. — 384 páginas, capa a duas cores, impresso em óptimo papel. — Brochado, 12\$50. Encadernado, 17\$50.

HENRI ARDEL

Eva e a Serpente — Romance em tradução portuguesa — Brochado, 10\$00. Encadernado, 15\$00.

COLECCÃO DE HOJE

Ultimos volumes publicados nesta colecção:

PALACIO VALDÉS

Maximina — Romance da actualidade, tradução de Florbela Espanca Lage.

JOSÉ MÁ S

A Orgia — Romance sevillano e de costumes, tradução de Novais Teixeira.

ALBERTO INSUA

Mulheres históricas — Tradução de Campos Monteiro; um romance formidável e de actualidade

O amor em dois tempos — Romance, tradução de Campos Monteiro. Cada volume brochado, 7\$50. Encadernado, 12\$50.

Carlos Santos

COMO EU VI A
ESPAÑHA

448 páginas — 27 gravuras em hors texte

UM LIVRO DE GRANDE ACTUALIDADE

Brochado, 12\$50 — Encadernado, 17\$50

CONCURSO DA MOLHADURA

Pela loteria de ontem já se soube quais foram os felizes premiados neste concurso.

Os quatro prémios primeiros couberam precisamente pela ordem porque vinham publicados na MARIA RITA aos números correspondentes aos quatro primeiros prémios da Loteria. Para a semana daremos a forma de distribuição dos restantes 50 prémios. Guardem, portanto, as senhas.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

No seu interessante — e justiceiro — livro *Na costa de Africa* narra o sr. Dr. Américo Pires de Lima, entre outros episódios que fazem pôr os cabelos em pé e corar de vergonha o português mais endurecido, uma cena que presenciou em certa cidade moçambicana.

Foi o caso que assistiu casualmente à passagem de grande número de pretas custodiadas por uma força de agentes da autoridade. Inquirindo do significado de semelhante leva, foi-lhe respondido que as pobres indígenas não iam presas, mas unicamente penhoradas. Como se fossem móveis de uso caseiro ou o produto de recente colheita agrícola. Os maridos de essas negras não tinham pago o *m'sôco*, ou seja o imposto de palhota. Em consequência do que — depois dos consabidos trâmites burocráticos que conseguem em pouco tempo multiplicar por 10 a quantia em dívida — as garras aduncas do Fisco desabaram sobre as senzalas dos contribuintes omissores, senão relapsos. E como os únicos valores que a dentro das miseráveis cubatas dos pretos se encontram são uma mulher e uma esteira, vá de deixar-lhes ficar a esteira, apoderando-se-lhe da mulher.

Assim se organizam essas levas de pretas, — verdadeiros bens à penhora — que são con-

duzidas para a cidade e lá ficam em refens até que os seus legítimos possuidores se resolvam a resgatá-las satisfazendo o tributo e alcavalas respectivas. É natural que — visto tratar-se de bens — seja encarregado de guardá-las um fiel depositário. O qual, se alguma das pretas for bonita e atraente, nem sempre será inteiramente fiel. É porventura, também, nem sempre satisfará o compromisso de entregar esses valores de nova espécie no mesmo estado em que os recebeu...

Por mais original que pareça este método de cobrança coercitiva, afigura-se-me de grande conveniência a sua adopção na metrópole, onde existem muitos cidadãos de poucos escrúpulos, e apoucado patriotismo, que a todo o momento deixam de cumprir o pagamento das suas contribuições. Procedem assim porque põem em prática um certo número de *trucs* que o Fisco não consegue evitar e muito menos contrastar, desde a venda fictícia dos seus prédios até à ausência de casa nos dias em que o beleguim deve ir fazer-lhes a respectiva citação. Quem perde com isto é o Estado, a moralidade pública, e até o nível cívico das populações. Mas de aqui em diante — a ser assimilado o processo das colónias — vai a coisa mudar muito de figura. O contribuinte Fulano não pagou, colocou os móveis da sua casa em nome de um amigo, ou ausentou-se para parte incerta? Pouco importa. O oficial de diligências toma Madame pelo braço, com a delicadeza peculiar a este género de funcionários, e espeta com ela nas execuções fiscais. E há de ser digna de ver-se a cara do marido quando, regressado ao lar, der com elle deserto e frio, sem o calor e a animação que só as mulheres sabem produzir.

Verdade seja que, nos tempos que vão correndo, é mais fácil substituir uma mulher do que a mola partida de um relógio. O desolado marido largará naturalmente para a rua, à procura de outra. Mas são tantos os contribuintes que não pagam! E, em consequência, serão tantas as mulheres penhoradas! Como resultado imediato, ver-se-ão as ruas desertas do elemento feminino. Tôdas, ou quasi tôdas, no armazém dos trastes arrestados. E os infelizes maridos, depois de terem tiritado de frio nas habitações solitárias, não terão outro remédio senão irem empenhar as suas joias para pagarem as contribuições em dívida, rehavendo as suas ricas mulherzinhas.

Se, porém, o não fizerem, o que se passará na respectiva repartição fiscal? Serão postas em leilão as mulheres penhoradas? Por forma alguma. Feio espectáculo seria esse trezandando à antiga Turquia. O que há a fazer, neste caso, é reter

as prisioneiras em depósito, e absolutamente incomunicáveis, por espaço de cinco ou seis meses. Durante este lapso de tempo — é tão volúvel a alma humana! — podemos ter a certeza de que os maridos as esqueceram, se reacostumaram à liberdade, ou se arranjaram com outra. E então é que as Finanças se vingam, ameaçando o relaxado — no sinónimo fiscal, claramente — de, no caso de não pagar imediatamente, lhe ser restituída a mulher.

E verão como todos elles se apressam a despejar a carteira.

Podia, até, pôr-se em prática uma inovação: quem, vencida a quarta prestação, não pagar o seu imposto, ficará sem mulher; e a quem pagar a totalidade da contribuição à bôca do cofre, ser-lhe-á tirada a sogra.

Estão os senhores a ver o formidável alcance de esta nova lei? Desde o dia em que ela entre em execução, já os funcionários de finanças ficam sabendo: homem que não pague a sua contribuição no primeiro dia — é cavalheiro que desposou uma orfã.

Marcial Jordão.

Décimas... dentro do praso

Anjos... da pele do diabo...

Na Barreira apareceu
Um anjo lindo e rosado,
Não se sabe se mandado
P'lo Inferno ou pelo Céu.
O certo é que estab'leceu
Uma grande confusão,
Provocando discussão
Entre crentes e descrentes,
Pondo aquelas boas gentes
Em grave e acesa questão.

O caso faz-me lembrar
Qualquer moderna menina,
Tôda doçura divina,
Quando procura casar.
Depois é o anjo do lar,
Nos olhos suave brilho,
Ao marido chama filho,
Mas quando está com a bôlha,
Desata ao berro e à trolha,
Pondo tudo num sarilho!

Bisnau.

Concurso do S. João

A MARIA RITA patenteia aos seus poetas mais uma ocasião de brilharem estrondosamente.

E nesta ordem de ideias, abre nas suas páginas centrais um concurso subordinado ao tema acima e com o prémio de 50 escudos à melhor quadra sobre este motivo.

Além deste prémio haverá mais três para as mais engraçadas quadras, que serão os seguintes:

Um livro «Ares da minha Serra», do Dr. Campos Monteiro; outro «Um ar da minha graça», de José de Artimanha; e outro «Céus de Fogo», de Campos Monteiro (Filho).

N. B. — É obrigatório que nas quadras se leia uma das seguintes palavras: S. João, Fogueira, Alcachofra ou Manjerico. Se tiver tôdas, melhor.

As quadras devem estar na nossa redacção até ao dia 21 do corrente.

Balancete da semana

Um padre ali da Maia, muito arteiro, prègando a sua homília truculenta, proibiu às ovelhas que apascenta que lessem o *Notícias* e o *Janeiro*. — «Jornais infames — gritou êle — que a palma levam aos mais jornais em falsidades. Se desejais salvar a vossa alma, deveis ler simplesmente as *Novidades*; só essa fôlha, cuja sã leitura não tem luxúria nem as vis malícias que o pervertido público procura no *Janeiro* e *Notícias*.» Depois de ter falado de esta forma, o reverendo, que assim tem por norma ser mais puro que a cândida Raquel, foi p'ra casa almoçar. E antes da sesta, pegou num livro de leitura honesta: *Mon curé chez les riches*, de Vautel...

* * *

Numa cidade perto de Medina, o espada Vitoriano acaba de fazer o quinto ano do curso oficial de Medicina. Eis o que leio num jornal de aqui, transcrito de outro de Valladolid, que deixa esta pergunta formulada: «Trocará a espada pelo bisturi, ou deixa o bisturi e empunha a espada?» Provavelmente, exerce os dois misteres, e na arena, ante os bois, aplica-lhe clisteres, um sinapismo ou dois, ou arrôbe de amoras às colheres. E quando à cabeceira de um doente, depois de o examinar, empunha a pena tinta-permanente, formula uma receita simplesmente, e entra logo a matar...

* * *

Perto de Mafra apareceu um anjo. Ninguém o viu, porém certo marmanjo jura que o enxergou, a caminhar na estrada, e tanto que o beijou no... não sei bem qual parte foi beijada. O que sei é que a gente confiada tremeu e acreditou. E aí começa a peregrinação p'ra o lugar da Barreira, onde o anjo fêz a sua aparição na estrada carreteira. Junta-se gente e reza no local, em forte vozearia. Dentro em pouco haverá em Portugal mais um lugar de grande romaria... O que me espanta — e põe-me sôbre brasas — é que, tendo o anjo um par de boas àsas, ande a pé por aí, Como um qualquer fabiano que não pode ter «auto» americano, nem cinco ou seis mil reis para um *taxi*...

Turiddu.

Lêmos há dias numa notícia de Espanha que a polícia tinha feito abordar uma nova conspiração extremista — conspiração, não! Movimento é melhor — em virtude de ter encontrado em casa duma parteira madrileña documentos muitíssimo comprometedores.

A mulherzinha foi presa em vista disso, o que não achamos natural porque se a parteira fêz abortar o movimento, estava em pleno exercício das suas funções obstetrícias.

Também em Itália se está passando um caso curioso que pede a intervenção das *comadres*.

O sr. Mussolini não se cansa de premiar, de elogiar, de condecorar, de alcandorar aos mais elevados cumes, as matronas italianas que consigam ser mãis pela terceira vez e de aí para cima. E com as suas alocações, os seus estímulos e os seus prémios, está a conseguir que a natalidade em Itália suba de um modo assustador para nós, e absolutamente satisfatória para o Duce que esfrega as mãos de contente quando tem conhecimento de que um pobre pai enlouquece ao saber que a mulher o presenteia com três pimpolhos de uma fornada apenas, ou de que outro se comeu a si próprio ao conhecer que tinha de baptizar 5 crianças na mesma pia e no mesmo dia.

E ao passo que a procriação se tornou um verdadeiro movimento nacional, o sr. Mussolini, berra cá para fora que precisa absolutamente de novos territórios porque o povo italiano já não cabe na Itália e suas actuais dependências.

E' um contrassenso não acham? Pois se êle não tem onde meter a gente que lhe sobra para que diabo quer que a façam vir cá para fora?...

No dia 28 de Maio, quando a parada de tropas passava na Praça da Liberdade, com as metralhadoras, os canhões, os carros de assalto e os *tanks*, ouvimos nós o seguinte diálogo entre duas lavadeiras:

— O' melhor! *antão* aquilo é que é um tanque?

— E'...

— Mas aquilo em vez de lavar, suja tudo de susto...

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

A' memória do inolvidável e indispensável "Ecos de Cacia".

Fumaças da estranja—O Espírito Santo —Feira do Livro no Pôrto

Esta *frigidíssima* cidade ficou há dias *alarmada*, por, nas suas *sacras artérias*, divagar uma inglesa, tipo oleografia comercial, chupando provocantemente um cigarro, talvez da mesma nacionalidade.

E, afinal... simples curiosidade; desejo louvável de acompanhar a civilização.

Como já conhecem o modo de fumar à *pariense*, pretendiam saber se as inglesas fumam da mesma maneira.

Fala-se numa possível "Feira do Livro" em Braga.

Para que?!

Por cá, às letras dá-se o nome de papéis velhos e compram-se a \$80 o quilo, para embrulhos.

Só é negócio uma feira de porcos, de camisas e de burros; a fazer-se, desnecessária se torna a concorrência de extra-muros— a *prata* da cidade, é mais que suficiente.

Reporters Unidos.

Bisnau.

O Espírito Santo deste ano apresentou-se regularmente *demolhado*, o que foi uma felicidade.

Dizemos, felizmente, porque o *môlho* ainda é a única coisa que fica barata aos forasteiros.

Desde o "verde" ao carrinho eléctrico, em dias festivos, tudo encarece nesta cidade de remotas tradições e feitos, nomeadamente os sucedidos para os lados da Falperra.

O "turista" paga, mas... aborrece-se; e, se não é ainda *toureado* deve-o à simples circunstância de não possuímos, presentemente, praça de touros.

Uma verdadeira maravilha em *assalto* às algibeiras.

E' prova provada que só o *bolorento* processo do Zé do Telhado se considera condenável.

A Semana do Livro no Pôrto é digna duma visita já por se encontrar sob a *alçada* do cavalo do Sr.: D. Pedro como ainda por ser uma semana dum género ultra-moderno— tem 15 dias.

Verifica-se com prazer que se vendem muito mais livros, que camisas do último modelo.

Destacam-se as obras, que o Pôrto absorve— "Ares da minha Serra" "Céus de Fogo" "Um ar da minha graça"— da autoria dos ilustres escritores Dr. Campos Monteiro e Filhos.

Três brilhantes cabeças num Pai só. (Claro que das cabeças em questão a mais luzidia é a careca do José de Artimanha.

PERFIS DO PORTO

XLIV

DR. ALFREDO DE MAGALHÃES



Em foco

No Rivoli:

Tiveram grande ovação,
As invulgares bailarinas,
Encantadoras meninas:
Alba e Mary Lopes, são!...

Causaram admiração,
Por serem meninas finas
E por isso mesmo dinas
Do meu aperto de mão...

Porque além de serem belas,
Também são insinuantes,
O que me faz gostar delas!...

Estas artistas galantes,
Teem o brilho das estrélas,
Mas, d'aquelas mais brilhantes!!...

II

As duas:

Uma é branca... outra morena...
Mas, são ambas bem formosas!...
Qualquer d'estas lindas rosas,
No Rivoli, entra em cena!...

Teem a leveza da pena,
Estas subteis mariposas...
Focadas, como bondosas,
Uma é meiga... e outra amena!...

Como é difícil saber
Qual d'elas será melhor
Das beldades a escolher.

Juntando-as sem desprimor,
N'este meu modo de ver:
As duas... são um amor!...

III

Aracy Cortes:

Aracy Cortes é estréla,
Do teatro Rivoli...
A escultura mais bela
Que no palco eu hoje vi!...

Corpo limpo, sem mazela,
Vê-se na artista Aracy!...
Vénus Milo... assim é ela...
O seu modelo está ali!...

Outro valor que lhe é dado
A' dona da formosura:
O cantar cadenciado.

Cheio de amor e ternura!
Eu senti-me apaixonado
Do canto da criatura!...

Zephyro.

O brado de âlerta do Sr. Agostinho de Campos, sonoramente repenicado, como cacarejo de galo pimpão, da alto da sua Cátedra, contra o emprêgo abusivo dos mal-sonoros *zuns-zuns*, teve o cordão — que a Sua Excelência tanto deve orgulhar — de nos despertar também do marasmo criminoso em que até agora temos vivido quanto aos melindrosos cuidados que nos deve merecer a doce língua-mã.

Eis-nos, portanto, novamente a pedir ao douto professor a subida fineza de emendar ou por outra expungir o trecho abaixo citado dos seus irritantes *zuns-zuns* que, estamos certos fugirão como nuvem de importunos mosquitos, diante do seu proficiente *Elit indefinida*.

O que vai ler-se são pedacinhos de uma historieta de página e meia que vem no mesmo e já citado livro "Caranca da Paz", da autoria do próprio Sr. Agostinho de Campos, a pgs. 202. Começemos:

"A história... como *uma* das melhores definições práticas do regime de governo anárquico, a *um* tempo...

"Havia em S. Petersburgo um russo abastado, solteiro de quarenta anos, que levava vida sibarita na sua confortável residência, sita *numa* das mais belas alamedas da Capital. Era *um* pri-

meiro andar... para o qual se mudou... *um* guarda vermelho...

"Trocou o seu fato janota por *um* equipamento completo de *mujik*, comprou *uma* enxada...

"Ao cabo de oito dias... encontrou trabalho *numa* lavoura de trigo e centeio, que pertencera a *um* príncipe russo e era agora propriedade de *um* antigo sargento alemão.

"Até que *uma* bela manhã em que trabalhava *num* campo...

"E atentando no cavador *um* destes rapazes, portador de *uma* enorme bandeira..."

O que atrás fica exposto, *não é uma caricatura, mas uma triste realidade*, como tão acertadamente tem dito o Sr. Agostinho de Campos nos seus artigos do *Diário de Notícias*.

Tratando-se da prosa de tão douto mestre, o trecho acima é, na verdade, *uma triste realidade!*

Como explicará Sua Excelência esta ninhada, esta cabazada abundante de tão antipáticos *zuns-zuns*?

E' o que, alunos atentos, esperamos nos seja explicado brevemente pela própria pena do Sr. Agostinho de Campos.

Ou estaremos em presença dum novo S. Tomaz, a bradar-nos sapientissimamente: *Olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço?*

Devemos ser patriotas!

Todo se abespinha o *Diário de Notícias* da passada segunda-feira porque um jornal do Pará, que dá pelo nome de *Fôlha do Norte* só publica, em correspondência de Lisboa, notícias de acidentes, desastres, incêndios, roubos, agressões, desabamentos, mortes, assassinatos, arrombamentos, etc.

Tem muita razão o conspícuo órgão da grande informação nacional. Aquilo são de-certo invenções dos brasileiros nativistas. Se não, veja-se o próprio *Diário de Notícias* do mesmo dia em que repona com o colega paraense. Transcrevemos apenas os títulos:

"*Um pastor assinado à cacetada e à facada. — Acidente de viação. — Agressões. — Incêndio em Vila Nova de Gaia. — Atropelados por eléctricos. — Professora e ladra. — Até no Torel se rouba! — Morte súbita. — Morto pelo combóio. — A quadrilha dos falsificadores. — Cadáver à tona de água. — Mulheres ferozes. — Com uma facada no ventre. — Caído da altura de 12 metros.*"

Parámos aqui, que já nos falta o fôlego!

Estamos em crer que nem a *Fôlha da Noite* tem correspondente em Lisboa. Se calhar, transcreve do *Diário de Notícias*...

Posta restante

Três lagares — Os versos não estão mal feitos; o que são é um pouco sérios.

Tira-Teimas — Iremos espiohar e depois falaremos. Obrigado pela informação.

Fernambelo — Será publicada. Pode mandar mais coisas, que serão aceites.

C. B. Lima — Pôrto — Seremos eternamente gratos. E se necessitar de um cartão oficial de informador, queira pedir. Mande sempre.

Zé Cartaz — Loanda — Pode mandar como quiser. A MARIA RITA é de todos os amigos.

Telmonte — Nova Lisboa — Gratíssimos pelos cumprimentos, e pela colaboração. Um grande beijo da MARIA.

Os impossíveis d'este mundo

1.º — Jogar o arco com um arco de violino.

2.º — Jogar o futebol com uma bola de sabão.

3.º — Ver as horas no relógio da Sé à meia-noite.

4.º — Escrever com uma máquina de costura.

5.º — Dar outra posição ao D. Pedro V.

6.º — Tocar grafonola com uma agulha de caminho de ferro.

7.º — Dizer ao certo o ano em que terminam as obras da Câmara Municipal.

8.º — Dizer mal do F. C. do Pôrto no Café da Brasileira.

9.º — Guiar um automóvel com um volante de relógio.

Amarantino.



Laminas RITZ

De todas a melhor, especial para barbas duras, todas as boas casas a vendem a 1 escudo, dep. 162, 3.º Ar. dos Allados, Telej. 4650

DESCANSO SEMANAL

A grande vaga asneirática dos nossos jornais de informação

Começamos por recortar de *O Diário de Notícias* de 29 de Maio uma notícia referente a um desastre ocorrido na freguesia de Sôbre-o-Tamega, no local da Ponte dos Asnos, do Marco de Canavezes:

O sinistrado, cujo estado é grave, parece ter sido vítima duma queda, quando montava a cavalo, ignorando-se, no entanto, quaisquer outros pormenores. A montada desapareceu, tendo o caso causado viva impressão naquela vila, onde a vítima é muito conhecida.

Donde se prova que a vítima foi a montada. E por isso não admira que a notícia tenha causado viva impressão em Vale de Asnos, nem que fôsse ali muitíssimo conhecida.

Igualmente, do mesmo conspícuo jornal onde pontifica o semi-douto sr. Agostinho de Campos—mais um não faz grande diferença, doutor—recortamos a seguinte notícia musical que tresanda a *Ecos de Cacia* que tolhe. É grande, mas tenham paciência.

S. CARLOS — «Demonstração» de Rítmica—A Demonstração da Rítmica de Jacques Dalcroze teve agora, em S. Carlos, uma interpretação graças a Melle. Sosso Doukas, que trouxe á curiosidade dum publico selectissimo as suas alunas do Curso particular e do Curso escolar do Colegio Alemão. Foi verdadeiramente uma noite de ritmo esta em que uma defeituosa combinação de movimentos nos deu a variação de atitudes coreograficas encenadas na irradiação lírica dos andamentos como uma emanção de colorido que se fizesse alacridade na ascensão melódica do gesto tornado caule, porque duma florescencia rítmica se trata, quando o dinamismo gesticular e o desabrochar cadente das linhas do corpo desabrocham em «nuances» de vibração. Primeiramente, dirigidos por Sosso Doukas, os grupos, as fracções, tomaram evolutivamente a coordenação do movimento e, á proporção que ganhava corpo a fixação dos motivos coreograficos, distendiam-se, á flux, ás grandes proporções de atitudes, para se destacarem em quadros mais ou menos definidos conforme o caracter da composição. Foi ensaio de demonstração a primeira parte do programa, esboço de danças que a segunda e ultima parte viria consagrar na vibração realizada dos motivos. Inicia Monteverde a serie admiravel e no «Orfeu» vive-se então uma aria e dois andamentos lentos. As figuras mal poisam o chão, são os movimentos subltis como palpitar de corolas. Estava achado o sentido plastico-lirico do seculo em que Monteverde floriu em produção de tocante simplicidade. Ha mais paginas, todas elas estremezem de côr e cantam de movimentos ora doces ora esbeltos, mas deve-se apontar

na primazia da realização propria, como reflexão do assunto e como exteriorização de indole, as sete valsas de Brahms. As duas bailarinas tocam essas valsas dum ritmo de beleza que se coaduna com a intenção que o autor lhe pôs. Marcam-se as posições, quasi numa enunciação que tanto é de colorismo como de dinamica. A juntar em realce ás valsas de Brahms, nomearei a bela «Pavane pour une infante difunte», de Ravel. A colocação das figuras está na proporção da essencia sentimental, que faz vibrar as notas numa angustia serena que oscila entre a tragedia ardente e a quietude resignada. Por fim,

Os ruídos lisboetas

De ruídos, afinal,
Fica tudo como d'antes:
Assim... quartel general,
em Abrantes!...

Relatórios... uma resma!
Alvitres... são sem cessar...
Mas, fica tudo na mesma,
p'ra variar!

Se proibissem, senhores,
(Isso é que vinha do céu...)
Os ruídos interiores,
Da minha casa? Valeu?!...

A minha gorda criada,
Quando quer andar ligeira,
O' céus! é cada patada,
De tremer a casa inteira!

Depois, a juntar o lixo,
Mas sempre a bulir c'os pés,
Cantarola: «olha o coxixo...»
A mirar-me dê revés!...

Tem uma tosse danada
Minha tia, coitadinha;
Começa de madrugada
E, só acaba à noitinha!

Se, acaso o tio Joaquim,
Vem cá ficar, é sabido,
Resona, como um Tantim
A dar o «dó» susinado...

O meu mais novo, Inocêncio,
Tem um tal respeito aos pais,
Que, se dizemos: — silêncio!
E' quando êle berra mais!

A minha velha cadela,
Se um cão pode presentir,
Põe o focinho à janela,
E passa a noite a ganir...

Em resumo: os intestinos
A's vezes são atrevidos...
— Vocês estão a ver, meninos,
Que ruídos... que ruídos!...

Proibam, pois meus senhores
— Isso é que vinha do céu! —
Os ruídos interiores
Da minha casa, valeu?!

Eletê.

tudo se funde na mesma espiritualidade no mesmo halo de expressão musical, de plasticização lírica. Merece uma referencia muito especial o acompanhamento ao piano feito por Jorge Croner. — Nogueira de Brito.

Depois de ler tudo isto, depois de ter absorvido tantos ãos, fica a gente com a impressão que foi um concerto de musica canina.

Quanto ao resto nem discutimos. O que nos impressiona é que o Douto sr. Agostinho não tenha pegado nos ães e fizesse dêles uma salada como fêz dos uns. Mas ainda não é tarde...

Esta agora é de *A Voz do Minho*, jornal que se publica em Arcos de Val-de-Vez.

Passados alguns minutos é que a mulherzinha deu pelo desastre do infeliz. Aos seus gritos de socorro, compareceram os donos da azenha e o sr. B. da S., que nessa altura ali se encontrava, tendo retirado o cadaver da infeliz criança da agua o qual já se encontrava morto.

Focamos o caso apenas para demonstrar á Vossas Excelências que também é possível retirar da água cadáveres absolutamente vivos.

Mais esquisitices de Santa Comba Dão

Santa Comba Dão, como tôda a gente sabe é a terra das boas tabletas. Por exemplo: á porta de um carneiro está desde há pouco colocado o seguinte letreiro:

Esta casa resolveu bender doije im diante comistá tudo a vaixar a carne de Carbitó?
Bende-se? Aqui? A milhor? A mais varata? Só no João Fernandes?

Mas há mais; na aldeia do Granjal, também da mesma terra, um africanista, para defender uma obra, mandou afixar um letreiro dêste teor.

Aviso ao Publico

QUEI FIZER ESTRAGUS
E' PORSESADO

Como vêem, continuam a sair coisas lindas da linda Santa Comba Dão.

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

EMBORA não percebessemos a razão porque um nosso amigo, ao saber que se não realizava esta semana, dissesse todo contente, alto e bom som, a quem quisesse ouvir:

— Bem feito! (pois se ela se não fêz não podia ser bem feita) nós, que já tínhamos prontinha a ir para a tipografia a nossa reportagem sôbre ela, não resistimos à vontade de a deitar cá para fora.

Eis como, segundo nós, se devia ter passado (e se se não passou não foi nossa a culpa) a dita semana.

Aí ficam os divertimentos, conferências, espectáculos, sessões oficiais, etc., que durante ela se passaram.

Ao p'ra cá

Para não fugir ao costume, a nossa Alfândega de Valença obrigou todos os *touristes* a demorarem-se 18 horas na fronteira para... irem admirando as belezas naturais do Baluarte do Socorro. E' claro que houve sujeitinho que saú de Vigo com a barba feita e chegou ao Pôrto barbudo como um porta-machado. Algumas senhoras grávidas tiveram que voltar para trás a tôda a pressa para não terem um filho... português.

Um velhote, de barbas alvíssimas que vinha numa *camionete*, ao fim de 14 horas de espera, quando deu por ela estava morto. E como o bilhete de identidade, em Espanha, também tem os cinco anos de validade, houve muito menino que teve de voltar atrás por estar fora da lei.

Já cá

Os visitantes que vinham em 52 combóios especiais e duas camionetes de aluguer, eram aguardados (os do combóio, claro) na estação de Ermezinde por uma multidão ávida de sensações.

Estavam lá os variadíssimos *leões sem rabo* das primeiras filas e a célebre *troupe* dos camarotes de bôca do Sá da Bandeira.

Em Campanhã eram os excursionistas aguardados por uma deputação de-



A Semana Galega ou semana engalinhada

UMA SEMANA QUE SE O FEZ E QUE POR ISSO MESMO FOI O QUE SEMBRA UMA DESFEITA

legada da comissão promotora que lhes deu as boas vinda no *galego* mais *castizo* que tinha ali à mão. Em nome dos Bombeiros Voluntários falou o sr. Alvaro Saldanha, que declarou estar ali involuntariamente.

Em seguida formou-se o cortejo, e por entre vivas *tu madre e tu padre* entraram na rua do Heroísmo, onde muito vizitante julgou vislumbrar a sombra de D. Nuno Alvares.

Prosseguindo o cortejo comandado sábiamente pelo Domingos Soares meteu os *semanários* Entreparedes, em direcção à Câmara onde era feita a

recepção oficial. Foi, porém, uma grande confusão, porque ao passar em frente do Aljube houve um patricio que arrotou, e uma parte do cortejo desfêz-se em seguida por se lembrarem de o Aljube... rota.

O Programa

Durante os primeiros dias os excursionistas percorreram as ruas da cidade que estavam tôdas engalanadas com motivos espanhóis, as aber:

—As *ventanas*, com *ventarolas* e

ventanillas (e mais ventas que não veem agora aqui para o caso).

— A cada porta um letreiro, a mandar entrar: — *adelante, precioso!* ou *entra, mi hermoso* e tantos outros, todos muito docinhos.

— A tôrre dos Clérigos foi embrulhada num traço de *manton e manilla*, tendo na cruz um grande pente de tartaruga.

— A menina da Avenida envergava uma linda fantasia intitulada *Eva no banho*.

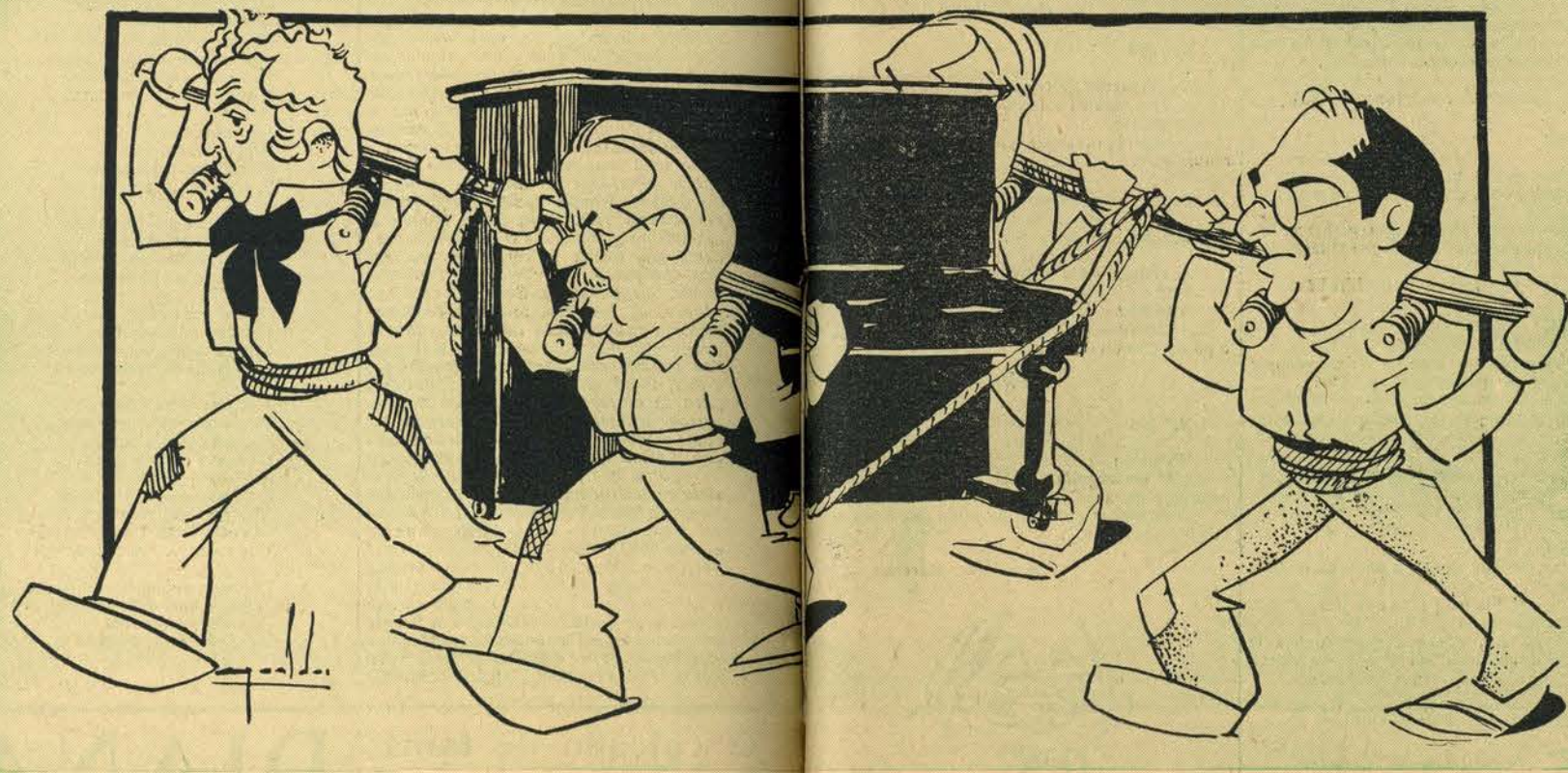
— No Rio Douro alugavam-se *barquinhos* para uma viajata.

A' tarde houve um discurso em galego feito pelo Repórter X do púlpito do Banco de Portugal.

E à noite houve serão de arte no Rivoli que nessa altura se chamava *Riv... olé!* em honra dos visitantes. O Artur Martinez cantou: *Soy la esclava de um rey môro!*... A D. Amélia Vilar: *Te quiero, morena!* O sr. Cunha da Raza leu um preciosíssimo soneto que acabava assim:

*Es eso que yo llamo
Tu única bôca!....*

UM PIANO DOITO MÃOS



Virtuosidade, cada pé a tempo

Quási no fim tomou a palavra o sr. Carlos Santos, para fazer um valentíssimo discurso intitulado: *Como eu vi...* (não ouvimos o resto porque a assistência se manifestou ensurdecidamente).

No final do Sarau queimou-se uma linda peça de fogo preso, representando um convento a arder, mimo que foi muito bem recebido pelos excursionistas.

Na manhã seguinte houve um desafio de *foot-ball* em que nós perdemos, como sempre, desafio inteligentemente arbitrado pelo sr. Alexandrino (Galiza). No mesmo campo de jôgos se fêz uma parada desportiva, tudo genuinamente espanhol, com crianças vestidas de amoladores de tesouras e navalhas, etc., e como girandola final (ideia formosíssima) os quatro distintíssimos músicos srs. Hernâni Tôrres, Viana da Mota, Alberto Pimenta, Filho, e Aarão de Lacerda atravessaram o terreno com... um piano às costas, como se fôssem fazer uma muda.

A' tarde, houve grande jantar nos *Galegos*, a Cima de Vila.

E para finalizar soubemos que os nossos comerciantes, por uma questão de gentileza, não levaram nada pelas compras efectuadas durante êses dias.

Ao p'ra lá

Ao fim de dois novos dias e meio de viagens, lá recolheram os nossos visitantes aos seus lares com as malas cheias, as barrigas mais cheias ainda e sem terem desembolsado *uma perra chica*. Ai, valentes!



Procurem na grande
Livraria Editora de
A. FIGUEIRINHAS, Limitada
tôdas as obras de

MARDEN

o grande filósofo criador da paz de espirito
e educador de vontades.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 58 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 264

N.º 275

A *mãe* — Completas amanhã dezóito anos, Alicinha, porque nasceste em 1915.
A *filha* — Não pode ser mamã, porque eu quando nasci já tinha nove meses.

Remetente: Raül Artur.

N.º 276

Entre dois amigos:
— Dás-te bem com a tua sogra?
— Dou.
— E's mais feliz do que eu!
— Sim, a minha sogra é surda-muda...

Remetente: Rula.

N.º 277

Conversa entre dois amigos, acêrca do falecido Jeremias:
— Era muito forte, o pobre Jeremias! Quantas vezes êle viu a morte bem perto!
— Ora! também eu a tenho visto. Ainda na semana passada, eu vi, por duas vezes, a morte bem perto.
— Credo! Mas que foi que te aconteceu? Algum descarrilamento? Explosão de automóvel? Choque de Severianos?
— Não; mas vi morrer meu tio Francisco e meu primo Domingos.

Remetente: Ribeiro.

N.º 278

A viúva — inconsolável, como manda o regulamento — caindo nos braços da criada:
— Ai Rosa! Que saúdaes que eu tenho do meu pobre marido, tão bom, tão leal, tão excelente marido!
— Sinto que não posso viver sem os seus beijos, os seus afagos, as suas meigas caricias...
A criada, lavada em lágrimas:
— Também eu, minha senhora; também eu!

Remetente: Olbirre.

N.º 279

A criada para a senhora:
— Participo-lhe, minha senhora, que me caso amanhã.
— Suponho que se casará pela igreja.
— Não, senhora, caso-me pelo dinheiro que tem o meu noivo.

Remetente: Ferrabraz.

N.º 280

O papagaio esteve na cozinha durante todo o inverno, junto da cozinheira e da criada de fora. Chegou o verão e levaram-no para a casa de jantar. A' hora da refeição, estando os donos à mesa, tocam a campainha para vir o «resto».
Ouvem-no então dizer:
— Deixa-os lá tocar... não faças caso!

Remetente: Lérias.

N.º 281

Dois amigos encontram-se no passeio da Avenida, em frente ao barbeiro Antides:
1.º amigo — Então como vai você, que não o tornei a ver?!
2.º amigo — Mal, muito mal. Calcule o meu amigo que há dois dias que me não larga uma

violenta dor de dentes, que nem dormir me deixa. Já experimentei quantos remédios há para estas dores, e nada, nada absolutamente.

1.º amigo — Pois eu cá tenho um remédio infalível para isso; você quer saber? (e a meia voz): quando me dóiem os dentes, meto-me num táxi para ir mais de-pressa, chego a casa, agarro-me a minha mulher, prego-lhe duas «beijocas», e pronto: vai-se logo a dor.

2.º amigo (cada vez mais doloridamente) — Oh! Obrigado! Obrigado!... E a sua mulher a esta hora estará lá em casa?

Remetente: Agá Larbac.

N.º 282

O médico, depois de ver o doente, diz à mulher.

— Seu marido morre esta noite.
— Vai ver que não morre. Ele é um homem que guarda sempre tudo para amanhã...

Remetente: A. X. N.

N.º 283

Entre amigas:
— Sabes: estou desolada.
— Porquê.
— Porque escrevi ao Alfredo proibindo-lhe que me escrevesse, e êle nem sequer me respondeu.

Remetente: Garatujas.

N.º 284

Opinião dum médico célebre.
— «A saúde é um estado passageiro que nos deve inspirar os maiores cuidados...»

Remetente: Adriano X. Nel.

N.º 285

Um moço muito conhecido, estava para se casar com uma viúva, mas encontrou um amigo, um dia que lhe disse:
— Estás louco? Pois queres embarcar na mesma nau em que naufragou o teu antecessor?

Remetente: Aldrabão.

N.º 286

Juiz — Eu não lhe disse da última vez que o julguei, que não queria tornar a vê-lo?
Réu — Disse sim senhor, mas por mais que eu o repetisse aos polícias, nenhum quis acreditar.

Remetente: J. S. C.

N.º 287

Na aldeia:
— Então, senhor abade, a pequena pode ir ao confesso?
— Isso sim! Ela nem sabe que Jesus Cristo morreu para nos salvar.
— Não admira, como a gente nunca lê jornais... Eu até nem soube que êle esteve doente.

Remetente: Z. B.

N.º 288

Num entérro, por ocasião da chegada ao cemitério. Um velho encontra certa dificuldade

em aprear-se do seu trem, e um gato pingado dirige-se a êle no intuito de o ajudar a descer.

O velho, com um ar contrariado:
— Obrigado, mas não se incomode, que por enquanto ainda é cedo.

Remetente: Reirobi.

N.º 289

Josézinho — Papá: o Antoninho mordeu-me uma orelha!

Antoninho — Não é verdade! Foi êle mesmo que se mordeu!...

Remetente: B.

N.º 290

A mulher — E' preciso que me compres outro chapéu. Já tôda a gente o conhece em Lisboa.

O marido — Bem... vamos amanhã para o Pôrto...

Remetente: B.

N.º 291

Um mestre a dois estudantes, que em vez de estudarem estavam brincando no pátio:

— Que faz aí o menino? — perguntou êle, dirigindo-se para o mais velho.

— Não faço nada, respondeu êle.

— E o senhor?

— Estou a ajudá-lo.

Remetente: A. M. C.

N.º 292

Na inspecção de recrutas:
— Tem alguma enfermidade que o isente do serviço militar?

— Saberá vocelência que tenho meu pai com reumatismo.

Remetente: Zé Barão.

N.º 293

A criada — Os convidados são pequenos ou altos?

A patroa — Porquê?

A criada — Para saber se tenho que limpar, o pó do teto ou do chão...

Remetente: S. C.

N.º 294

No circo:
Um empregado — Está ali o seu alfaiate com uma conta:

O domador que está na jaula dos leões — Diz-lhe que entre...

Remetente: Barecas.



O BRANCO NO PRETO

SUPLEMENTO MENSAL DA "MARIA RITA", DEDICADO ÀS COLÓNIAS E ILHAS ADJACENTES

ANO I — N.º 3

DIRECTOR: D. AFONSO V (O Africano)

Tiragem 50:000 exemplares ou mais

EDITORIAL

Meus senhores: Está para ser a primeira vez que a um apêlo da MARIA RITA, não correspondam centenares de vozes. E assim, mal que ao nosso Afonso V lampejou a ideia de se fazer um suplemento africanista, começaram a chegar à nossa redacção cartas de longes terras, trazendo-nos a almejada colaboração e a certeza ao Afonso V que o seu apêlo não foi em vão lançado.

Está metida, portanto, mais uma seta em Africa! E a todos aqueles que até nós vieram, MARIA RITA, tal e qual o velho do Restelo noutras eras, brada e clama em estentória voz:

Ó glória de mandar, ó vã cobiça!...

e fica à espera de que todos continuem a mandar... a sua colaboração.

FALAM OS NOSSOS CORRESPONDENTES

Carta de Loanda

Terras angolanas

Dizem as gazetas que os habitantes de Catabola do Bié, querendo dar outro nome à povoação e não podendo eleger o de Nova Sintra, já tomado, solicitaram a quem de direito a substituição daquele nome pelo de Pampilhosa-a-Nova. Esta traz-nos à memória um trecho da *Fita* de Marcial Brazins na sua revista *Lança em Africa*:

«Com esta fúria de mudar os nomes
A's terras, dentro em pouco, ó rica Angola,
Sem te sentires,
E's toda Sousa (não te faças tóla!)
E's toda Gomes,
E's toda Pires;
Ou então, dando provas
De energias louças,
Serás alfofre de variadas Novas
Palmelas, Caparicas, Lourinhãs.
Hoje Benguela-Velha já destoa,
Morreu Belmonte, foi-se Camacupa.
Huambo, — upa!
E' a Nova Lisboa.
Com tanta mutação que p'r' ai chove,
Agora na cabeça se me mete
Uma ideia que muito me comove:
Passar o Vinte-Sete
A Três-Vezes-Nove.»

Com a devida vénia, parece-nos que este hábito de se crismarem povoações coloniais com nomes doutras povoações metropolitanas acrescidos de «Novo» ou «Nova», ou com nomes de individualidades, ainda que muito respeitáveis, se vai tornando bastante monótono ou, se quiserem, ditono.

Achavamos mais interessante colhêr-se a ideia *mater* na Metrópole, sim, mas revestir-se depois a colonial.

Por exemplo: para corresponder a *Freixo de Espada-à-Cinta* arranjariamos uma *Palmeira de Azagala-em-Punho*; como reminiscência de *Maçãs de D. Maria* teríamos a matar *Bananas de D. Felismina*; e assim por diante.

Valeu?
Vivam as *Bananas de D. Felismina!*
(Não é, ó Dr. Amílcar?).

Leão Pardo.

Nova Lisboa

Cópia de uma acta eleitoral, absolutamente verdadeira, remetida pelo nosso assinante *Telmonte*, e verificada numa assembleia de um distrito cujo nome se esconde por vergonha:

Aos *desesseis* dias do mez de Abril de mil novecentos e trinta e tres no edificio do Posto Civil desta Povoação de... compareceu o *cidadan* F... *nomiado* para *prezidir* a esta *Assembleia* tendo faltado o *Sinhor* Chefe do Posto por não estar na terra.

A mesa foi constituída pelos *cidadans* F... e F... servindo de secretario e *escrutinhador* este ultimo de côr mestiça por não *aver* presentes mais *cidadans* brancos, mas como o *cidadan* F... declarasse que andava *cocho* da perna direita que se apresentava muito *inxada* o *cidadan* Presidente mandou *substitullo* por F... de côr preta que só no fim das eleições se verificou que não estava *receneado* como eleitor. E tendo todos prestado juramento *donrra* verificou-se que *das nove horas da manhan até ás cinco horas da tarde* só tinham aparecido tres *cidadans* eleitores que afinal de contas não poderam votar na urna por não *aver* listas na terra. E não *avendo* mais nada a tratar mandou o *cidadan* Presidente encerrar a *assembleia* do que para constar se lavrou esta *ata* que vai ser assinada por todos os da mesa.

(Seguem as assinaturas.)

Pela cópia: **Telmonte.**

Estas coisas devem ficar arquivadas porque serão eternas. E por aqui se prova que os *Écos* de *Cacia* proliferam em toda a parte.

Toma lá, que te dou eu...

Lembra-me algodão em rama,
O teu cãozinho lu-lu,
Que dorme na tua cama...
Para quê, lá sabes tu!

Vivias com tua mãe
Esfregadeira de casas,
Gostou de ti não sei quem...
Um dia batestes as azas!

Pedi-te um beijo. Disseste:
«Isso não. E' desonesto».
Mas depois até me deste
Um cento deles e... o resto.

Atravez das taboinhas,
Duma janela que eu sei,
Tu vais passar as tardinhas
Em transgressão com a lei.

(Angola).

Manuel de Resende,
(Zé Cartaz).

S. Vicente de Cabo Verde

No *Notícias de Cabo Verde*, vinha publicado o seguinte anúncio:

Aviso

José Afonso da Conceição, fornecedor de cal e areia, participa aos seus fregueses, que em 31 do corrente transfere a sua *padaria* da Travessa do Cadamosto para a *Padaria* da Casa Madeira & Filha na rua dos Descobrimentos. Pede aos seus estimáveis fregueses e amigos o favor de visitarem o seu novo estabelecimento onde encontrarão *bom serviço e asseio*.

S. Vicente, 30 de Março de 1933.

José Afonso da Conceição.

Fica desta forma provada a razão porque o pão é feito de cal e areia!

Glosas recebidas para o primeiro mote do Branco no Preto.

O' minha mãe não te enfades
Por me veres abandonar
A doce paz do teu lar!
Quem parte leva saudades
Quando só deixa amizades
Na terra que viu primeiro;
Torna-se um aventureiro,
Sofre grandes arrelias,
E chora todos os dias,
Mas ás vezes traz dinheiro.

Amepe.

Eu soffro necessidades,
E não parto para aldeia,
Porque tenho na ideia
Quem parte leva saudades.
Mas também soffro as maldades
Do meu feroz companheiro
Que me bate o dia inteiro,
Como a qualquer animal.
Bem sei que me trata mal...
Mas ás vezes traz dinheiro.

Zé Belinha.

Que sonho de ansiedades!
— Quando parti sem pensar,
Disseste-me, ao ver chorar:
Quem parte leva saudades! —
— Enganam as realidades
Deste emmo verdadeiro; —
Feliz do aventureiro
Que vem p'ra não fazer nada,
— Leva vida regalada;
Mas ás vezes traz dinheiro!... —

Telmonte.

Lembram-me as tenras idades,
Em que eu, na praia, com sócos
De pedras, partia côcos.
— *Quem parte leva saudades...* —
Hoje sinto veledades
De possuir muito coqueiro:
Centos, talvez um milheiro,
Entim, grande plantação;
Porque o côco sempre, não,
Mas ás vezes traz dinheiro.

Leão Pardo.

Sempre através das idades,
De gerações a seguir,
Diz toda a gente ao partir:
Quem parte leva saudades...
Se quem vai tem qualidades
P'ra marcar ou p'ra «fecheiro»,
Topa a árvore e mui lampeiro
Colhe, se pode, as patacas,
Engana o preto, tem «macus»,
Mas ás vezes traz dinheiro.

Zé Cartaz.

Mote a glosar:

*A noite por mais escura
E' melhor do que a saúde.*



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHÁRADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

I ANO-N.º II

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

10 DE JUNHO DE 1933

Decifrações do n.º 9 — 1) Caramilo, 2) Malcalina, 3) Bista, 4) Craqueja, 6) Reboleção, 7) Carabela, 8) Tumate, 9) Forfos, 10) Vagatela, 11) Comeso, 12) Belheca, beca, 13) Acabo, abo, 14) Fora vesta!, 15) dovido, 16) Quem desdenha, quere comprar.

Decifrações — Reirobi, 14; Horaciano, 14; Rei do Orco, 14; Só Darco, 13; Otter, 13; Busina, 13; Rutra Luar, 12; Feirante, 11; Zé Barão, 10; Tripeiro, 9; Lérias, 9; A. Silva, 8.



Enigmas em verso

(1)
Puxai pelas cacholas, matutai,
Derretei os miolos bolorentos
A-fim-de ver s'este trabalho cai
S'esta engenhoça tomba em dois momentos!
Ela aí vai, atenção! Abri o ôlho
Vós que sois muito finos, sabichões,
Dizei-me cá, mas sem fazer restolho:
Qual é a coisa da côr dos meus... botões
(São os botões da côr do chocolate)
Que principia pela letra C,
Tendo um U muito aberto por remate,
Como no mundo tôda a gente vê,
Vereis também que entre o C e o U
Está K quando um C devia estar.
O que é, leva-o a prima Lulu,
Com muito leite ao primo Baltazar!

Olegna.



Charadas em verso

(2)
Em minha casa inda há pouco, — 1
Eu tinha um bicho engraçado,
Que por outro bicharoco
Foi — pobrezinho — papado.

Bisnau.

Enigma figurado

(9 letras)

(3)

CU	CU	CU	CU
CU	CU	CU	CU
CU			CU
	1	500	0

Olegna.



Novíssimas

(4)
O animal quando estava na prisão
queria arrombar a porta. — 1, 2.

Monteiro II.

(5)
Aqui, o homem, não pratica sport.
— 1, 1.

Ohnidog.

(6)
Aqui, junto desta planta, vou colocar o móvel. — 1, 2.

Lérias.

(7)
Vi por um buraco o terreno à volta da igreja, que é uma boa tela. — 1, 2.

Rei dos Golos.

(8)
Em eu te oferecendo o colar, safa-te logo para a colónia. — 1, 2.

Busina.

(9)
Ela enrubesce quando lhe lembro que estou curado dum órgão que ela sabe. — 2, 1.

Odnanref.

(10)
Com o traseiro não faça bulha senão espanta a ave. — 1, 2.

Sepol.

(11)
Duas vezes o titular é titular. — 1, 1.

Tripeiro.

(12)
A-pesar-de desconhecer a tua origem, parece-me que te trato intimamente. — 1, 2.

Só Darco.

(13)
A sete indica a curva para não dares uma cambalhota. — 2, 2.

Reirobi.

(Ao confrade Busina)

(14)
O jôgo que a minha parente anda a aprender é para lhe apanhar o instrumento. — 1, 2.

Rei do Orco.



Sincopadas

(15)
3—Olha que te rebento com esta pedra! — 2.

Busina.

(16)
3—O olhar desta mulher, prende! — 2.

Lérias.

(17)
3—Entrou em desordem, a minha mulher! — 2.

Rei dos Galos.

(18)
3—O homem roubou-me, porque é ruim — 2.

Otler.

Enigmas tipográficos

(A' distinta confrade Serigaita pedindo desculpa)

(19)

			T
--	--	--	---

Horaciano.

(20)

V	PÃO
---	-----

Sepol.

(21)

C GO

Reirobi.



Maçada geográfica

(22)
Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

LIVRAI O PAÍS DO HOTEL

Horaciano.



Provérbio a adivinhar

(Com os meus agradecimentos pelo cartão do confrade ilustre Horaciano)

(23)

Eu sou muito persistente
Teimoso como uma burra
Sou autêntica casmurra,
Não desisto facilmente.

Mas confesso, francamente,
Quando a coisa já se esturra,
Com receio duma surra.
Retiro serenamente.

Passados dias aí volta,
Serigaita desenvolta,
A teimar — não é chalaça —

Serena como as que o são,
Porque me lembra o rifão:
.....

Serigaita.



POSTA RESTANTE

Sepol — Como muito bem diz, não foi por mal; o que lhe podemos dar a certeza é que a sua lista não nos chegou às mãos. Desculpe mais esta falta, que também nos arrelia deveras!

Gilvaz — Tem cabidela, sim senhor e com tôda a justiça; porém... sucedeu a mesma coisa que à lista de Sepol. Perdoe que não tornamos a fazer outra.

MUSEU NACIONAL

“O que lá falta e o que lhe faz falta”

No final da minha última crónica, prometi aos meus mil-e-oitocentos leitores continuar, de braço dado com eles, a visita ao *Museu Nacional*.

Mas obedecendo a um imperativo histórico, faltamos sempre que podemos... Faltar é para nós o verbo de mais corrente e fácil conjugação...

Como de vez em quando me dou ao luxo de pensar, pensei que mais proveitosa do que uma nova visita do *Museu*, seria agarrar o pensamento pelos cabelos e obrigá-lo a obrar. A obra do pensamento fica, enquanto a caravana passa e os mastins ladram à lua.

Já te dei, leitor, uma pequena amostra do que é o *Museu Nacional*. E agora que o pensamento entra de obrar, após sucessivos clímaxes congeminativos, será curioso dizer-te, leitor amigo, o que falta nesse *Museu* — o que lá falta e o que lhe faz falta.

Antes de mais, hemos de confessar que lhe faz falta um porteiro austero e... *grave*. O sr. João Grave está dispensado de aceitar o honroso cargo, porque o centro da sua gravidade é na Biblioteca Municipal.

A entrada do *Museu* ponham algumas das estátuas que abundam nos nossos jardins e lugares públicos. Despachou para lá, e em grande velocidade, a D. Flora da Cordoaria, o D. Bacho da Praça da República, os Purp... urinados da Avenida. A menina Húmida fica onde está, porque não vale a pena provocar uma greve de chauffeurs e ainda porque os recintos do *Museu* devem poder ser visitados por gente honesta. E se precisas forem mais estátuas — lance-se mão do Júlio Ribeiro — “A Vénus da Montanha”, — do Amílcar de Sousa — “O Adão do Paraíso”, — ou do Cunha da Raza — “O Joven Adonis”.

A cargo de Leonardo Coimbra — falecido orador, mas vivíssimo filósofo — ficará o serviço de informação geral, desde que êle se compromete a perder a mania de ser bombeiro do Infinito.

Ao publicitário Raul de Caldevila será atribuída a missão de, em azulejos de Jorge Colaço, afixar nas paredes do *Museu* os seus melhores e mais perfeitos e felizes reclames. Alguns tipos de reclames aqui se sugerem: — “Calce David calçado Apolo se quere calçar Portugal calçado Atlas”. — “A verdadeira casa Tomaz Cardoso da R. de Sá da Bandeira é a da R. de Santa Catarina. Esta é aquela, mas aquela não

deixa de ser esta. Mas não hesite: compre na verdadeira casa Tomaz Cardoso” — “O Chá das 5 Vilares é õtımamente servido na Brasileira. Tome o chá das 5 Vilares na Confeitaria Palace”. — “Perca tempo — telefone. O telefone é a mais económica maneira de perder tempo”.

Recomenda-se também como indispensável uma reforma nos móveis e utensílios do *Museu*. Da reforma pode e deve ser encarregado o sr. D. José... Alberto dos Reis, conspıcuo reformador-mor da Universidade de Coimbra.

O caso dos móveis, entregue-se ao cuidado dos vários nascimentos de Valbom e o caso dos utensílios aos srs. Omegas das utilidades domésticas.

Pelo que diz respeito à luz, o sr. Ezequiel de Campos resolverá. No entanto, queremos lembrar a conveniência de se espalharem pelo *Museu* alguns exemplares dos nabos luminosos que figuram nas ruas da cidade.

Mas são horas — já passa da burguesíssima meia-noite — de foçarmos um outro aspecto da questão, objectivamente falando: — o que falta no *Museu*?

E' claro que no *Museu* não podem estar expostas as figuras da Virtude, de Honra, da Vergonha e doutras larchas mais sem representação oficial. Faziam lá uma tristíssima figura e essa exposição seria ridícula e atentatória dos nossos bons costumes.

O que lá falta, leitor ingénuo é o monóculo impertinente do Dr. Alvaro Machado, a cabeleira postiça do Erico Braga, o charuto do Freitas e os cola-

rinhos do Paulino, em dias de leitões, a seringa mágica do Dr. Oscar Moreno, o agosto apêndice nasal do Anibal de Moraes, uma adesão ao nadomorto “Grupo da Renovação Democrática”, um sorriso da D. Amélia Vilar, um cheque do irmão do banqueiro sr. Borges, a maquete duma casa incombustível e a criação dum bombeiro de cimento armado, oferecidos pelo sr. Inspector dos Incêndios, a lapela sempre florida do rotário Ricon Peres, umas alegações finais do ilustre causídico Dr. Fraga, gravadas em disco, duas bengalas que estão a mais na taboleta da casa LIMA, de Santa Catarina, etc., etc.

Mas eu continuo, leitor imberbe e pálido, eu continuo. Falta lá no *Museu* — um Viva à República do Ribeiro de Carvalho, o côco de procurador Freitas, um acto de contrição do Frei Fernando de Sousa, um pulha qualquer dos muitos que o Homem Cristo, de Aveiro, conhece, uma rósca feita pelo Damião de Cacia, o projecto de restauração do Caminho de Ferro de Penafiel à Lixa, elaborado pelo dentista Cerqueira Magro, o capelo e a barba dum lente de Coimbra — *lente* de... diminuir, como dizia o Soares Correia, etc., etc.

E não continuemos. E' que talvez chegássemos à conclusão de que todos nós — eu, tu, êle, nós, vós, eles — deveríamos estar representados no *Museu* — representados pelos nossos cadáveres, pelos nossos quês, pelos nossos nadinhas...

O Tomaz Ribeiro Colaço mandaria para lá o Laço, ficando com o resto que lhe faz falta; eu teria que mandar a minha velha colite e o Zé de Artimanha a sua respeitável careca; o Marcial Jordão, claro está, mandava a pêra.

Era mandar de mais — quanto, todos o sabem, só deve mandar quem pode. E quem não pode...

Inácio de Lanholas.

No consultório



O médico — Ah! Mas você hoje já é outro homem.

O cliente — Muito obrigado sr. Doutor! E era grande favor mandar a conta ao que veio no primeiro dia...

Para
Pintar
paredes

Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em
dura 10
minutos
horas
anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Novamente nos vemos forçados a publicar em dois números as quadras recebidas do mote em concurso. Por isso, só no próximo número daremos a relação das quadras que mereceram os prêmios.

Na «Feira do Livro» eu vi
Alguns livros com chalaça,
Mas aquele que eu escolhi
Tem «Um ar da minha graça».

Ferrabraz.

Romance que eu escrevi
Vende-se no meio da Praça
Pois igual ainda não vi
Tem «Um ar da minha graça».

Bob Custer.

— Compre livros são baratos:
Dizem na feira da Praça
— Este sem espalhafatos,
Tem «Um ar da minha graça».

Delfim de Freitas.

Aos que foram visitar
A «Feira do Livro», na Praça,
A todos ouvi perguntar
Tem «Um ar da minha graça»?

Só Darco.

Se quere uma boa obra
Onde até nem entra traça
Nem o mal da sua sogra
Tem «Um ar da minha graça».

H. C.

Ao Heitor Campos Monteiro
Diz toda a gente que passa
O seu livro beixigueiro
Tem «Um ar da minha graça».

Patachon.

«Ares da minha serra» grande
«Céus de fogo» ali na Praça,
Todas as obras no «Stand»
Tem um ar da minha graça.

Reirobi.

Na «Feira» alguns livros vi
Que são mesmo uma desgraça
Aquele que eu escolhi
Tem «Um ar da minha graça».

Rui.

O Zé de Artimanha este ano
Na «Feira» que está na Praça
Tem o Papá, tem o Mano
Tem «Um ar da minha graça»...

Ortega.

Camisa azul, olhos no chão,
Bofetada que trespassa,
Dão um grande sortilhão,
Tem um ar da minha graça.

R. L.

Amor querido, tu não andes
Em camisa pela Praça.
P'ra poderes ver os «Stands»...
— Tem um ar da minha graça!

R. L.

Isabel, que eu amo enfim,
A sorrir-me, é um pouco escassa...
Mas, quando passa por mim,
Tem um ar da minha graça!...

Alfredo Cunha (Raza).

Quando beijo a minha amada
Ou lhe «jogo» uma chalaça,
Fica de-veras zangada.
Tem um ar da minha graça!!!

(Barreiros).

Rutra Luar.

Não há ninguém que não tenha
Mesmo quem tem pouca massa!
Pois o próprio Zé Povinho,
Tem «Um ar da minha graça».

(S. Romão).

Oinotna.

Diz o Artimanha aos sisudos:
Na Feira que está na Praça.
— Apenas por oito escudos
Tem «Um ar da minha graça».

Lizé.

A Bela MARIA RITA
Tem a cara da desgraça
Mas contudo a maldita
Tem um ar da minha graça.

Razalas.

A minha noiva coitada
E' d'uma diferente raça
Mas às vezes a chalada
Tem um ar da minha graça.

Envia Maguta.

A Rozinha Salpicão
Vende tomates na praça,
Por ser um belo peixeão
Tem um ar da minha graça.

Ferralves.

A Praça de Liberdade
Quem quiser boa chalaça,
Va lá com boa vontade
Tem «Um ar da minha graça».

Kaiteleb-elmá.

Podem crer, que não é manha...
Nem tampouco é chalaça,
Dizer que «Zé d'Artimanha»
Tem «Um ar da minha graça».

Mariola.

Aquele mulher que passa
Junto a mim, na romaria,
Nos seus olhos — quem diria!
Tem um ar da minha graça.

Folhadela.

Querias triste me ver
Meu amor, mas que desgraça!
Tudo que quero dizer
Tem um ar da minha graça.

Inês.

Não zombo do teu querer,
O que digo, é por pirraça,
Pois tudo quanto eu «screver»
Tem um ar da minha graça.

Alcino.

Eu amo a alegria sã
Da juventude que passa,
Juventude, minha irmã,
Tem um ar da minha graça.

«Miss» Diabo.

Quando se tenta escrever
Qualquer coisa com chalaça,
Nem todos podem dizer:
— Tem um ar da minha graça.

Tripeiro.

Há tanta cara bonita,
Com o sorriso em praça,
Mas só a MARIA RITA,
Tem um ar da minha graça.

Octávia Maria.

Campos Monteiro — o Heitor —
Pôs mais um livro na Praça
E disse: «o livro, leitor,
Tem «Um ar da minha graça».

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

Aquele da Lusa Raça,
Que passa a vida a cantar,
Sem ter com que se ralar,
Tem um ar da minha graça.

(Seia).

General Jan-Jan.

Há uma linda mulher
Na livraria da Praça...
Eu queria poder dizer:
Tem um ar da minha graça.

Três Lagares (Bigodes).

Só p'ra ver essa mulher
No «Stand» o estudante passa...
Feliz se dizer puder,
Tem um ar da minha graça.

Coval (Bigodes).

Em Matozinhos, no chá,
Entre nuvens de fumaça,
Ela, que me julgou «Paxá»
Tem um ar da minha graça.

Vale da Cordeira.

A Dona Isaura Aboim
E' dos lndos de Alcobaça
Mas contudo ainda assim
Tem um ar da minha graça.

Chibéu.

Meninas vamos ao vira
No largo da nossa praça
Pois toda aquela que gira
Tem um ar da minha graça.

Pirugalo 1.º.

Fiz um livro, por desgraça
Que trabalho, não é chalaça
Todos o pedem ali na Praça
Tem um ar da minha graça.

Alegria.

Eu faço versos com geito,
Meto bem minha chalaça,
E o qu'eu faço a preceito
Tem um ar da minha graça.

Oidil.

Não ganho um prémio filhinha
Por muito esforço que faça
E as quadros, p'ra ti, Rinha
Tem um ar da minha graça.

Firmina.

Nasceu à móca um menino
Para carpir a desgraça
E avó, diz, coitadinho
Tem um ar da minha graça.

Linuf.

Podem crer que não é mentira
Com um sorriso de graça
Dizer que o «Zé d'Artimanha»
Tem um ar da minha graça.

Mais ou menos.

Todo o homem que desfaça
Ou ponha a cara num fiço
A qualquer seu inimigo,
Tem um ar da minha graça

(Seia).

Agá Larbac.

A pesar de termos a maior consideração por todos os concorrentes desta secção, não podemos deixar de dizer que seria bom não mandarem mais que uma quadra, a melhor que entendessem, para nos evitar termos de suprimir, de futuro, as que não sejam aproveitáveis.

PEÇAS E



QUARTA PEÇA DO CONCURSO

SEVERA

Alta comédia com pretensões a tragédia histórica, disfarçada de drama tauromáquico

PERSONAGENS { Severa — mulher que segundo assevera a história não era de costumes severos
Conde — O fidalgo — toureiro — bruto do costume
Marquesa — Uma mulher como há muitas

E mais, que a seu tempo surgirão

PRIMEIRO ACTO

Uma «taverna». Paredes decoradas com teias de aranha e desenhos alegóricos. O «maitre de hotel» serve o Conde e D. José em baixela de Sacavém.

D. JOSÉ — Será já amanhã?

CONDE — D. José, o faisão.

D. JOSÉ — Não há o direito de se atirar à Marquesa e querer matar o marido em duelo.

CONDE — Bem sabe que sou a favor dos touros de morte...

D. JOSÉ — E que dirá o mundo?

CONDE — Eu quero que o mundo se... cale.

O pano cai... por cair.

SEGUNDO ACTO

Em casa da Severa. Esta toca na guitarra o fado do sr. Frederico de Freitas.

SEVERA (cantando):

Na rua do Capelão
Uma noite te encontrei,
E logo de ti gostei
Depois dei-te o coração
E outras coisas te dei.

RELÓGIO — Tlão, tlão, tlão, etc.

SEVERA — Meia noite e êle sem vir! Terá sucedido alguma coisa? Naturalmente conquista... elas são assim... (Faz com a mão o gesto característico e continua):

Teus maus tratos e apupos
Podes crer, vão acabar;
Nossa vida vai mudar,
Pois eu cá não vou em grupos,
Nem estou mais p'ra te gramar.

BARULHO LÁ FORA — Pumba, catrapim, zás, catrapaz.

SEVERA — Aí vem o Conde!

(Esta, na realidade, aparece de navalha na mão e com ares de pimpão.)

CONDE (sacudindo as mangas) — Ó «priga», há de dizer aos vizinhos para não se meterem comigo.

SEVERA — Está bem, eu digo a êles.

CONDE — Sim, porque isto de andar à traulitada desde manhã até à noite é pau, e um homem não é do dito.

SEVERA — E o Marquês?

CONDE — Furei-o nas nadeegas.

SEVERA (corando, embora pareça impossível) — Credo! Tu, também, és duma violência...

CONDE (dando pelo «quê pro quo») — Não é isso que pensas. Furei-o com a espada, quando êle me virou as costas e se dispunha a «cavar».

SEVERA — Ah! para aí já me vou.

CONDE (abrindo-lhe os braços) — Então vem.

O pano, como não tem nada que fazer, torna a cair.

TERCEIRO ACTO

No «boudoir» da Marquesa. Panos de Arraz e «pozes» de arroz. Pelo ar, além de duas mōscas, esvoaçam perfumes orientais. A Marquesa anda dum lado para o outro pior do que uma centopeia com dôres nos calos.

UMA CRIADA (da porta) — O senhor Conde pode penetrar?

MARQUESA (sêca) — Pode.

CONDE (entrando) — Com sua licença, madame.

MARQUESA — Já cá tardava, cavalheiro. Tenho que lhe dizer umas palavrinhas. O senhor, em quem eu confiei tudo o que Deus e meus pais me deram, não tem vergonha de alimentar um escândalo com o meu nome? O senhor, colocado na melhor sociedade, não tem pejo em dar estocadas no sim-senhor de meu marido, e contá-las, bêbedo, pelas alfurjas do fado? Conde, tenha mais orgulho no seu nome, e, não desça tanto.

CONDE (numa grande atitude) — Porque respondo às provocações de seu marido com a ponta da espada, isto é descer Marquesa? Porque andando «grosso» diariamente, contribuo para a solução da crise vinícola em Portugal, isto é descer, Marquesa? Porque, enfim, sou bonito, e o meu nome anda na bôca de tôdas as mulheres, isto é descer, Marquesa?

MARQUESA (subjugada pela eloquência dêle) — Ah, Conde, como é encantador!

CONDE (derretido) — Estou então perdoado?

MARQUESA (caindo-lhe nos braços) — Que remédio?! Faça por esquecer e dê-se à paródia.

O pano cai... já muito aborrecido.

QUARTO ACTO

Numa praça de touros, no momento em que entra o primeiro cornúpeto. O Conde, a cavalo, arma ao efeito.

O CAVALO — Vê lá agora o que fazes; o touro vem desmolidado.

CONDE — Que diabo de medo. Um cavalo é um cavalo, e um bicho é um bicho.

O HOMEM DA GAITA — Tarari! Tarari!

O TOURO (saíndo do curro, desencabrestado) — Se apanho um «arrebento-lhe» com o céu da bôca.

CONDE — Eh boi!

O TOURO — Lá nomes não vale chamar.

CONDE (cada vez mais delicado) — Eh touro! Eh filho duma grande vaca!

O TOURO — Ah êle é isso?! Metes-te com a família? Ora toma!

(Investe com o cavalo e com o Conde, levando tudo de pantanas.)

O CAVALO (com as mãos na cabeça) — Ai minha mãe, que fui para os anjinhos!

CONDE (com as mãos noutra sítio) — Exactamente onde furei o Mrrquês! Já é azar!

MARQUESA (do camarote, muito contente) — Nunca digas desta água não beberei. (Para o touro) Obrigado ó compadre.

O pano cai... definitivamente

Lérias.

CARTAZ DE HOJE

Sd da Bandeira: A comédia *La Luna en el Pozo*, pela companhia argentina.

Rivoli: A revista em 2 actos *Angú de Carôço*.

Olimpia: Os filmes *Amigos ou Rivais?*

e *Charlot nas termas*.

Trindade: Os filmes *Pecadores Alegres* e *Laurel e Hardy em marrocos*.

Batalha: O emocionante filme *Tarzan, o homem macaco*.

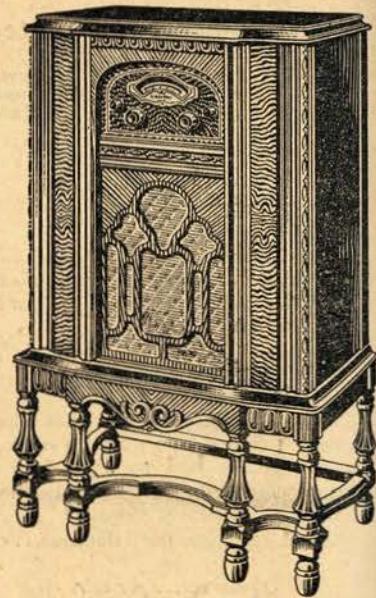
ATWATER KENT RADIO

Grandes inovações introduzidas recentemente elevam esta famosa marca a um grau de perfeição insuperável:

1.º — Novas válvulas de super-potência de função múltipla.

2.º — Sintonização silenciosa automática que permite distinguir perfeitamente todas as estações sem os desagradáveis ruídos intermédios.

3.º — Facilidade de recepção de ondas médias e curtas no mesmo aparelho (Mod. 480) ou de ondas médias e compridas (Mod. 137).



4.º — Os chassis de 12 válvulas possuem amplificação do tipo «B», e são equipados com dois altifónios com vinte vátiõs de alimentação.

5.º — Maior amplificação, maior sensibilidade, melhor selecção das audições, mais pureza de som.

Peça informes a qualquer Agente da ATWATER KENT RADIO ou directamente à

ELECTRÓNIA, L.^{da}

P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800

Distribuidores gerais no Norte de Portugal